

A descolonização da produção de conhecimento: militância e produção acadêmica

A militância na academia

A partir de autoras feministas e autoras e autores descolonialistas reconhecidos e traduzidos em circuitos acadêmicos diversos, tratamos como as propostas teórico-metodológicas em que essas autoras e autores tratam a produção de conhecimento em universidades: 1) propõem e explicam a militância na docência em universidades; 2) como a militância aparece no processo de desconstrução das produções acadêmicas e; 3) se é possível apontar mudanças na concepção de trabalho docente universitário.



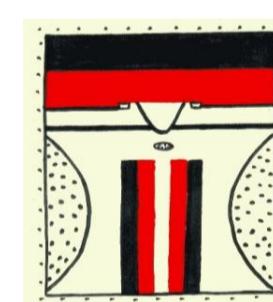
Geopolítica do conhecimento

Esse trabalho foi realizado mediante análise e busca por produções escritas sobre linguagem de autoras e autores auto-identificados como descolonialistas e feministas terceiro-mundistas. **A busca por concepções de linguagem em diferentes conceituações, língua, escrita, discurso, em diversos meios de comunicação - sites de universidades e bibliotecas -, apontou em várias produções um entrelaçamento a estudos sobre políticas de legitimação de conhecimento.** A maior parte das autoras e autores pesquisadas dessas vertentes apontam o conhecimento acadêmico como resultado das imposições e resistências de conflitos entre diversos grupos de um tempo e espaço, de forma que a colonização, e a partir dela a *colonialidade do poder/saber* (QUIJANO, 2005) e a *diferença colonial* (MIGNOLO, 2003) ainda produzem discursos e espaços de hierarquias entre grupos e pessoas, por características que situam as produções, como raça e gênero.



Localizando corpos e saberes

Conhecidas e formadas por sua atuação acadêmica em instituições da América do Norte e Europa, **as autoras e autores são, na maior parte de suas produções, pessoas identificadas com propostas de transformação social** a partir do reconhecimento das epistemologias e direitos de grupos subalternizados dos quais, em muitas vezes, também são integrantes. Mais que a desconstrução de conceitos e práticas, Anzaldúa (2000) e hooks (2008), como mais autoras e autores, transformam as relações de trabalho nas universidades que estão; intervém em grupos de trabalho e propostas de políticas; citam mais autoras e autores fora de circuitos reconhecidos; criam mecanismos de auxílio e incentivo a estudantes identificados em grupos hierarquizados. De forma ampla e localizada essas autoras e autores **proporcionam uma representação corporal/política de grupos, transformando as relações sociais, dentre elas as relações de trabalho, dentro e fora da academia.**



Referências

- 
- ANZALDÚA. Glória. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do Terceiro Mundo. Trad.: Édna de Marco. **Revista Estudos Feministas**, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000.
 - hooks, bell. Linguagem: ensinar novas paisagens/novas linguagens. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n. 3, p. 857-864, dez. 2008.
 - MIGNOLO, Walter D. *Histórias locais / Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Trad.: Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.
 - QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgar (org.). *A colonialidade do saber, eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 227-278.



Trabalho de Iniciação científica

Elismênnia Aparecida Oliveira / Faculdade de Ciências Sociais

Orientadora: Joana Plaza Pinto / Faculdade de Letras / Universidade Federal de Goiás